

**SILÊNCIOS E AGRESSÕES: UMA PROPOSTA DE TRABALHO
SOBRE A IMAGEM NEGRA REPRODUZIDA NAS OBRAS
LITERÁRIAS E SEUS IMPACTOS NA FORMAÇÃO
CRÍTICA DO LEITOR-EDUCANDO**

Natália Felix Amaral (UEMS)
nataliafelim@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o ensino de literatura na rede pública de educação e sua potência tanto na denúncia do racismo estrutural de nossa sociedade quanto na construção de um pensamento crítico a respeito das práticas naturalizadas através dos anos. Nesse sentido, busca-se analisar como personagens índices da questão podem ser apresentadas e trabalhadas em sala de aula para a criação de um processo pedagógico que além de denunciar, suscite no aluno habilidades para reconhecer tais processos em todos os campos de sua vida – desta forma a educação literária se apresenta como uma ferramenta de enfrentamento ao racismo, bem como se salienta a responsabilidade do professor em abordar tais aspectos de maneira efetiva, reconhecendo-lhes a importância na narrativa e estabelecendo relações com as dinâmicas sociais e históricas externas à obra. Para tanto serão observadas personagens negras em quem o silêncio ou o silenciamento seja ponto fundamental, serão focalizados autores já consagrados pela crítica: Machado de Assis e Clarice Lispector. Na obra “Memórias póstumas de Brás Cubas” se analisará o escravo doméstico do personagem principal; já em “A paixão segundo G.H.” será focalizada a personagem Janair, empregada doméstica que desencadeia a novela.

Palavras-chave:

Racismo. Silenciamento. Imagem negra.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the teaching of literature in the public education system and its power both in denouncing the structural racism of our society and in building critical thinking about naturalized practices over the years. In this sense, we seek to analyze how key figures of the issue can be presented and worked in the classroom to create a pedagogical process that, in addition to denouncing, raises in the student skills to recognize such processes in all fields of his life – this in this way, literary education presents itself as a tool to confront racism, as well as the teacher's responsibility to approach such aspects effectively, recognizing their importance in the narrative and establishing relations with the social and historical dynamics external to the work. For that, black characters will be observed in whom silence or silencing is a fundamental point, focusing on authors already consecrated by the critic: Machado de Assis and Clarice Lispector. In the work “Posthumous memories of Brás Cubas” will analyze the main character's domestic slave; already in “The passion according to G.H.” the character Janair, a domestic worker who unleashes the soap opera, will be focused.

Keywords:
Racism. Silence. Black image.

1. Introdução

Este trabalho visa observar personagens negros em duas obras ícones da literatura nacional: “Memórias póstumas de Brás Cubas” e “A paixão segundo G.H.” Ainda que distantes historicamente, não podemos dizer que estas obras não compartilhem um tom insólito e realista, assim como o fato de refletirem uma visão da sociedade brasileira pelo viés da classe dominante a que assumidamente pertencem seus narradores – narradores também díspares e semelhantes ao mesmo tempo: há em ambos a ironia apurada, o descrever focalizando coisas e objetos para falar sobre dinâmicas profundas da sociedade, a forma como descrevem as personagens e as situações que lhes circundam; a maneira como criticam “apenas” apontando tal objeto ou maneirismo social e tecendo comentário aparentemente desconexo com o assunto.

Os anos que as separam torna a comparação mais interessante ao trabalho por possibilitar a reflexão sobre a mudança na representação da figura negra dentro das obras com o consolidar da abolição. Interessante dizer que a primeira é publicada em 1881 focalizando período anterior ao ano de 1869 (data de morte do defunto-autor), tendo sido escrita, publicada e lida enquanto o trabalho escravo ainda era uma realidade. Havia nesse tempo algumas possibilidades de liberdade para as pessoas negras, contudo sempre ligadas a questões pessoais e não ao direito inalienável à liberdade; se ainda hoje discutimos a questão da segurança dos corpos negros, naquela época a possibilidade de todo tipo de aviltamento era uma realidade próxima. Já a segunda é publicada em 1964 eem seu enredo não importa medir o tempo, uma vez que se passa completamente em poucas horas; tal disparidade no gênero, no tempo e na própria forma das obras gera um panorama interessante das mudanças nas relações materiais, das práticas e da caracterização das personagens negras em nossa literatura. Contudo, embora a princípio pareçam tão diferentes, foram encontrados saborosas semelhanças nas prosas analisadas. Parece óbvio dizer que Clarice lia Machado de Assis. Por isso dizemos que há uma experimentação formal do narrador e da construção do espaço em “A paixão segundo G.H.” que encontra semelhanças nas produzidas séculos antes pelo Bruxo do Cosme Velho. Alguns deles tentaremos aqui demonstrar.

Interessa ao artigo delimitar e esmiuçar o quanto possível as relações de trabalho e poder em que as personagens interagem, uma vez que ambas as histórias trazem a figura negra no lugar de empregado doméstico e a branca como senhor/patrão. Para tanto, utiliza-se autores que já se debruçaram sobre a questão na obra de Machado de Assis, como Sidney Chalhoub e Roberto Schwarz. De ambos retira-se o conceito de classe senhorial a que pertence Brás e G.H., bem como se desenham as relações de servilidade a que respondem Prudêncio e Janair.

Alguns aspectos serão focalizados para além da questão acima exposta, em parte por serem recorrentes em ambas as diegeses, e em parte por indicarem algo recorrente também na realidade externa à obra – contudo todos esses aspectos se ligam à problemática em diferentes níveis. São eles: o silêncio e o silenciamento das personagens negras, o tratamento que o(a) narrador(a) dispense a elas, os espaços reservados às classes analisadas, a autoimagem da classe senhorial – desfaçatez e ironia.

Desta maneira, o artigo busca propiciar por um lado um retrato das mudanças históricas na condição negra; e por outro a reflexão acerca da real abrangência destas mudanças, ou o questionamento da superficialidade dos direitos e avanços neste sentido. Contudo, mais que um exercício de literatura comparada, este trabalho obstina pensar a prática para ser implementada em sala de aula do ensino médio, em uma tentativa de aproximar teoria literária e ensino de literatura explorando possibilidades metodológicas críticas no tocante ao racismo estrutural e a perpetuação da violência contra a população negra. Para tanto, utiliza-se a tecnologia mais avançada que a linguagem humana já produziu: o texto literário.

2. *Antes de mim já havia vozes percorrendo o caminho dos sentidos possíveis*

Muitos são os esforços no sentido de aproximar os estudos críticos da literatura do jovem leitor no espaço da escola. Amplos investimentos são feitos ano a ano na compra de livros teóricos e literários para abastecer as bibliotecas das escolas públicas, o Programa Nacional do Livro Didático, ou PNLD, e o PNLD Literário são índices desses esforços. Através destes programas, livros como *Um mestre na periferia do capitalismo* pode chegar ao recôndito das Moreninhas⁴⁸⁶, e deve chegar

⁴⁸⁶ Bairro periférico construído fora do perímetro urbano da cidade de Campo Grande-MS. Neste bairro, diferente de todos os outros da cidade, há uma maternidade e um cemitério.

a outros tantos lugares longínquos. Contudo, se o livro chegar, mas a formação do professor de literatura dessa escola não for ao encontro da discussão proposta por Schwarz, fará efeito sua presença? Tal obra é realmente eficaz em uma escola que só atende fundamental 1 e 2? Qual foi a estratégia pensada e o impacto esperado que fez com que esta escola recebesse sozinha mais de cinco exemplares do referido livro enquanto não recebeu nenhum livro literário – nem mesmo de Machado de Assis – em número suficiente para que uma turma de 35 alunos lesse ao mesmo tempo a mesma obra, e assim possibilitasse ao professor conduzir um trabalho com o texto literário mais eficaz?

O fato e as questões acima mencionadas fizeram com que se tornasse urgente criar um método capaz de transpor toda a bibliografia trabalhada no mestrado para uma rotina didática centralizada no texto literário e na análise dos aspectos ligados à condição negra presentes nas obras. Perseguindo tal objetivo, reuniram-se textos em que a naturalidade das relações de opressão é criticada – a nosso ver, estes autores teóricos são tão subversivos quanto os autores literários aqui analisados. Passemos agora a uma breve exposição dos conceitos utilizados.

Sem as reflexões propostas por Roberto Schwarz em *Um mestre na periferia do capitalismo*, este artigo não teria sentido. As análises aqui contidas são desdobramentos críticos da leitura desta obra que se detém sobre o romance “Memórias póstumas” e sua forma, desenhando-lhe as classes e oposições presentes em cada detalhe. O capítulo sobre as feições sociais do narrador Brás Cubas é uma reflexão acerca da forma utilizada pelo narrador para construir a si mesmo e toda a narrativa: tudo que o rodeia é indício da posição afortunada que ocupa. Aqui se encontra uma descrição a respeito do personagem principal (tal descrição, acreditamos, também serve para descrever G.H., com pequenas adequações temporais ou de gênero – quando muito.)

Embora muito solta, a forma do romance é biográfica, entremeada de digressões e episódios cariocas. Passam diante de nós a estações da vida de um brasileiro rico e desocupado: nascimento, o ambiente da primeira infância, estudos de Direito em Coimbra, amores de diferentes tipos, veleidades literárias, políticas, filosóficas, científicas, e por fim a morte. Estão ausentes do percurso o trabalho e qualquer forma de projeto consistente. A passagem de uma estação a outra se faz pelo fastio, imprimindo ao movimento a marca do privilégio de classe. As relações são incivis em sentido próprio, isto é, não se pautam pela igualdade moderna, que no entanto es-

rio, sendo comum história de moradores que nasceram e morreram ali sem nunca terem ido ao centro da cidade.

tá postulada. A volubilidade de Brás aparece, noutras palavras, como reverso da exclusão de trabalho ou empenho autêntico, e como extensão da iniquidade tá de social. (SCHWARZ, 2000, p. 63)

2.1. A incivilidade

O autor sugere ainda que Brás traga uma afetação demonstrada pelo vazio que abrange os sublimes na perspectiva de Brás: se quer algo da filosofia, este algo é a casca e a pilheria. Entra na política pensando única e exclusivamente na glória egoísta. Tal afetação também pode ser usada para descrever a réplica artística esvaída de sentido crítico que fosse tão adorada por G.H., indicando também aí o privilégio de classe da personagem e o olhar atento da autora que, assim como Assis, não tece comentários à toa – mesmo que o jogo proposto com seus narradores possa dar ares de ingenuidade e relato descuidado.

Há também as ideias fora do lugar na equação do pensamento que se quer moderno e liberal, mas patina assentado na violência do trabalho escravo. Do mesmo pensador Schwarz, mas agora em outra obra *Ao vencedor as batatas*, se recolhe as imbricações dessa condição contraditória de nosso recém-nascido mercado de trabalho na diegese de Machado. Contudo, tal leitura acabou por afetar também o ato de ler a literatura brasileira como um todo, refletindo mesmo na interpretação Clarice: uma vez que se passa a pensar tais relações, torna-se gritante a relação de trabalho existente na novela, pois ela é o desdobramento último da condição analisada e descrita pelo teórico nas linhas de um bruxo muito sábio. A própria maneira brasileira de vestir ideias europeias esvaindo-lhes do conteúdo virulento combina como uma luva com a paixão por réplicas ironicamente elegantes, vazias de responsabilidades e vagamente artísticas que G.H. cultivava em seu apartamento. Uma vez conhecidas, as ideias fora do lugar gritam em cada oposição apresentada na novela.

Além de leituras críticas acerca dos personagens e acontecimentos e sua relação com questões históricas e sociais da época de Machado, Sidney Chalhoub contribuiu com uma nova chave de leitura de “Memórias póstumas”. Contudo, tal chave foi assaz profunda, fazendo mudar o panorama sobre todos os autores lidos a partir de então; foi uma chave que também ajudou a compreender que não podia ser por sobra de dinheiro que Clarice escrevera tanto e sempre. Demorou muito tempo até que percebesse que tanto Machado quanto Clarice eram em diferentes níveis agregados e, ainda que se acredite piamente que dados biográficos

não sejam aspecto central numa análise literária, essa condição confere acidez à visão de mundo contida em suas obras. Se não fosse o conhecimento do calvário de Machado acompanhando a implementação das leis do sexagenário e do ventre livre, bem como a infinidade de “saídas” encontradas pelos senhores para manter a normalidade escravocrata, enquanto homem negro, filho de escravo liberto no seguinte contexto:

Além disso, continuam a faltar pesquisas sistemáticas sobre a ameaça e a ocorrência concreta de escravização ilegal. A tranquilidade escandalosa com que centenas de milhares de africanos introduzidos no país após a lei antitráfico de 1831 permaneciam ilegalmente escravizados – assim como os seus descendentes – salta aos olhos e sugere a magnitude desse costume senhorial e o tamanho do perigo que rondava a população livre de cor em geral. Também é necessário observar com desconfiança a prática comum, na corte e alhures, de deter para averiguação indivíduos “suspeitos de serem escravos”. Numa sociedade em que havia escravidão, e logo a vigência de uma lógica de dominação assentada na privatização do controle social, um dependente, especialmente se pobre e de cor, arriscava bastante ao se afastar da vizinhança em que podia ser imediatamente referido a determinado universo de relações pessoais. A rede que perseguia e capturava escravos fugidos tinha entrelaçamento preciso regular ou lançava a ameaça e a suspeição sobre amplos setores da população “livre” de cor? Dito isso, e apesar desse tanto que há em comum na política do domínio vigente para escravos e dependentes, é claro que a condição de escravo era muito diferente daquela do livre dependente. Sabemos isso porque os escravos não estavam intensamente pela liberdade, e via de regra organizavam suas vidas em função da expectativa de alcançar esse objetivo. As características mais essenciais do tipo de dependência a que estavam submetidos os escravos eram castigo físico e a condição de propriedade – esta os deixava sempre sobre a ameaça das transações de compra e venda e, por conseguinte, diante da possível ruptura de seus laços de família e comunidade. (CHALHOUB, 2012, p. 56)

Já na bibliografia voltada para a obra de Clarice, a travessia do oposto sugere o social numa relação de oposição e, por vezes negação – negação que dissimula uma afirmação no romance. A junção da leitura da obra de Sá com os teóricos já citados torna mais delimitável a questão social na obra de Clarice. De maneira peculiar, as afirmações sobre a protagonista também podem ajudar a refletir sobre Brás, demonstrando quanto essa classe mudou pouco num país em que a dinâmica social é dessa maneira afetada pela lógica dual na relações de trabalho.

Enquanto segundo o cristianismo é pelo amor que os homens podem realizar o melhor de si mesmos para GH é da ausência de sentimentos pela redução da vida humana a sensação a vida física e material ao mundo da coisa que o homem alcança a plenitude sem beleza sem amor apenas a monotonia do ser ausência do gosto da violência do neutro. [...]

A personagem G.H.: mulher financeiramente independente, sem marido, sem filhos, que domesticar a seu viver (cf. PSGH, p. 16). Sempre respeitara a beleza e sua moderação intrínseca (cf. PSGH, p.19), tivera medo do feio e do inestético. Tudo nela foras “semi” ou “pré”. Vivía num semi-luxo, com algumas ligações amorosas logo desfeitas; agradável tinha amizades sinceras, com um certo sentimento irônico por si mesma, embora “sem perseguições” (PSGH, p. 25) (SÁ, 1999, p. 127)

Embora muito díspares sejam os autores, as leituras propostas para Brás Cubas guardam muitos sentidos que ressoam em G.H., bem como a sugestão de que Prudêncio e Janair não estão tão distantes no campo das práticas de trabalho quanto estão historicamente. As semelhanças entre ambos os casos e as possibilidades interpretativas de tais aproximações constituem o escopo deste artigo. Passemos agora para a literatura!

3. Personagens eco de seu tempo

Focalizaremos Prudêncio, o escravo fugitivo por Brás desde a infância e Janair, empregada doméstica desencadeadora do nó da intriga de *A paixão segundo G.H.* Ambos desempenham papéis secundários que desnudam aspectos profundos de nossa sociedade, uma vez que essas personagens estão ali enquanto trabalhadores em dois períodos distintos de nossa sociedade; nesses períodos o trabalho é visto de diferentes maneiras, mas o caráter pejorativo do trabalho se mantém – modificando-se apenas na casca. Desta forma, ao focalizar estes personagens estamos focalizando essa categoria de pessoas que tem no trabalho sua marca fundante, sendo ambos negros, temos de pensar como se constrói as relações de trabalho num país por muito centrado na condição do trabalho escravo como base de sua estrutura econômica e social. O fato de serem ambos negros não se dá por aleatoriedade do destino: o fato que torna Prudêncio um vaso para chicotadas influencia a disponibilidade de trabalho para Janair (tanto na qualidade quanto na quantidade) bem como as condições providenciadas pela patroa para realização de tal trabalho.

É dentro deste panorama que analisamos os personagens neste trabalho, costurando a teoria acima exposta e a leitura crítica, objetivando percorrer os caminhos para posteriormente criar estratégias para fazer ver esses caminhos.

Como a intenção deste artigo é traçar um panorama histórico da condição negra no Brasil ficcional, apresentaremos primeiro Prudêncio. Escravo doméstico, acompanha o protagonista desde sua infância, servindo-lhe de brinquedo vivo, mas também de consciência externa deste

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

em momento decisivo: é dele a ponderação de que Dona Eusébia, mãe de Eugênia, havia vestido sua mãe para o velório; ponderação esta que fez com que Brás não descesse e fosse encontrá-la em sua chácara. Fator decisivo para o estabelecimento da relação com a flor da moita. Interessante observar a forma como o narrador apresenta e qualifica o personagem:

Prudêncio, um moleque de casa, era meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, - algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um “ai, nhonhô!” – ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!” (ASSIS, 2008, p. 33)

Tal descrição termina abruptamente para que Brás possa seguir vangloriando-se de seus maus hábitos infantis. Prudêncio é descrito como animal de carga destinado à vara e ao silêncio. Nesta passagem o escravo pode falar por si e de alguma maneira protestar contra a violência que parece ser-lhe condição natural; ao que o protagonista responde com um “cala a boca” e a menção ao posto de besta por ele ocupado.

A utilização de letras maiúsculas demonstra quem pode falar e quem não deveria: enquanto a interjeição de Prudêncio inicia-se com minúscula, a do senhor aparece com letra maiúscula, demonstrando quem domina o “diálogo” – para reforçar o caráter de dono da voz do romance, logo após essa resposta, o narrador volta a falar de si sem concluir nada sobre tal relação, sem fazer uma piada ou mote. Como se realmente não fosse importante, não passasse de um detalhe numa descrição corrida das anedotas da infância. Contudo um pouco à frente apresenta-se a conclusão sobre as consequências dessas influências no caráter do narrador. Sob o viés das ideias fora do lugar podemos dizer que aqui Machado apresenta sua nova visão da classe senhorial, e essa visão só poderia vir partindo da observação da relação de um senhor e seu escravo doméstico:

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e os lugares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que orações, me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito que a faz viver para se tornar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim, como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e à noite fazia grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: Ah! brejeiro! ah! brejeiro! (ASSIS, 2008, p. 33)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Mais adiante na narrativa, depois do retorno de Brás ao Brasil formado, Prudêncio volta a ser descrito, mas dessa é ele quem segura a vara e fustiga sem piedade um negro. Havia ganhado a liberdade do pai de Cubas, tornara-se então um agregado de cor, como descreve Chalhoub; e por estar nessa condição acata a ordem do protagonista com a mesma presteza dos tempos de moleque de casa.

Avancemos alguns séculos. Janair circula o mesmo Rio de Janeiro de Prudêncio. Empregada doméstica no novo contrato de trabalho, o assalariado, ela pode romper com sua senhora e é exatamente este o nó de *A paixão segundo G.H.* A ruptura do contrato de trabalho requerida por Janair é o que motiva a limpeza do quarto de empregadas do apartamento, lugar em que a heroína da trama se deseroíza no contato com a matéria branca da barata. Contudo, ainda que tenha essa importância para a narrativa, no início do texto, quando a narradora ainda não sabe o que está prestes a acontecer, esta sequer recorda o nome daquela com quem dividiu o mesmo apartamento por seis meses. A protagonista demora mais ou menos trinta páginas (de um livro de apenas 179) para lembrar seu nome. Quando rememora sua aparência, não o faz sem espanto:

Foi quando inesperadamente consegui rememorar seu rosto, mas é claro, como pudera esquecer? reví o rosto preto e quieto, reví a pele inteiramente opaca que mais parecia um de seus modos de se calar, as sobrancelhas extremamente bem desenhadas, reví os traços finos e delicados que mal eram divisados no negror apagado da pele.

Os traços – descobri sem prazer – eram traços de rainha. E também a postura: o corpo erecto, delgado, duro, liso, quase sem carne, ausência de seios e de ancas. E sua roupa? Não era de surpreender que eu a tivesse usado como se ela não tivesse presença: sob o pequeno avental, vestia-se sempre de marrom escuro ou de preto, o que a tornava toda escura e invisível – arrepei-me ao descobrir que até agora eu não havia percebido que aquela mulher era uma invisível. Janair tinha quase que apenas a forma exterior, os traços que ficavam dentro de sua forma eram tão apurados que mal existiam: ela era achatada como um baixo-relevo preso a uma tábua. (LISPECTOR, 2009, p. 40) (grifo nosso).

A proximidade da figura de Janair com uma barata é gritante já nesta primeira apresentação, mas é reforçada quando a narradora compara a barata esmagada pela cintura com uma mulata à morte. Na dissertação de mestrado que origina este trabalho tratou-se com mais fôlego da questão; aqui vamos apenas enunciar a hipótese interpretativa lá contida: a barata é uma representação de Janair, o único outro que G.H. permitiu que lhe enxergasse, o único outro que G.H. foi forçada a ver para além da superfície. Nesta simbologia Clarice também aproximou questões ligadas

à vivência da mulher negra na sociedade, aproximando a barata da mulata e refletindo mesmo sobre o quarto de empregada, espaço de confinamento e sombras. Como vai se demonstrar mais à frente, Clarice separa essa duas mulheres dentro de um espaço ínfimo trabalhando a oposição entre a posição social delas. Quanto mais se lê a obra, mais se nota como questões materiais muito obviamente desenhadas pela narradora são a força motriz para a catarse atingida pela personagem principal; embora seja um livro denso e fragmentado, parece cada vez mais que essa chave de leitura amplia as possibilidades interpretativas.

Partindo desta chave, é expressivo o fato de Janair também ser tida como coisa a ser “usada”, aqui vemos poucos avanços na questão do reconhecimento de sua cidadania. G.H. demonstra uma incivilidade própria da classe senhorial, visando salientar o enorme fosso entre elas. Essa lógica de oposição predomina na narrativa, a principal oposição é a do trabalho: G.H. não tem profissão e vê o trabalho de limpeza como uma satisfatória atividade de organização. Tal visão advém do fato de quase nunca “poder” limpar seu apartamento, como enuncia a narradora ao dizer que este lhe é um prazer proibido por sempre utilizar empregadas domésticas. O que para uma é distração, para outra é ofício e característica determinante; isso determina qual espaço lhe está reservado no apartamento, onde dormirá, o que comerá e outra série de imposições feitas às trabalhadoras do setor – vale sempre lembrar que ainda nos dias de hoje questões fundamentais como jornada de trabalho, vínculos empregatícios e folgas não são direitos completamente conquistados por esta classe. A realidade dessas trabalhadoras acontece no limbo do trabalho livre em espaço (e relações, por que não lembrar) privadas, o que dificulta regulamentação e fiscalização. Sem contar que a forma como o mercado de trabalho brasileiro se desenha faz com que a perpetuação dessa condição seja muito comum: ainda hoje é comum famílias de empregadas e empregados domésticos.

Como bem descreve Chalhoub, a proximidade com a condição de escravo e a eterna possibilidade de voltar a servir nestas condições passam de maneira explícita a construção de Prudêncio, ao passo que talvez seja mais difícil de enxergar o mesmo na condição de Janair, uma vez que esta “existe” num tempo em que o trabalho livre é um fato – ou deveria ser. Esta frase fica como uma ironia fina ao modo dos autores aqui estudados: o Brasil de Janair era um Brasil livre de trabalho escravo, tirando todo o trabalho análogo ao escravo que sempre teve, o Brasil era livre de trabalho escravo e assentado na lógica do trabalho livre. As ideis-

as já deveriam então estar no lugar e a relação de trabalho de Janair ser radicalmente diferente da de Prudêncio.

Da mesma forma que o trabalho pode ser ligado à cor de ambos, a condição senhorial de seus opostos também é perpassada pela questão da cor. Em Machado essa relação é assaz óbvia e não necessita ilustrações, no caso de G.H. é construída sutilmente podendo facilmente ser perdida no caldeirão de sentidos orquestrado pela narradora; contudo, como já se mostrou em trabalhos anteriores, essa questão se inscreve na diegese como um aspecto fundamental.

Decidida a começar a arrumar pelo quarto da empregada, atravesssei a cozinha que dá para a área de serviço. No fim da área está o corredor onde se acha o quarto. Antes, porém, encostei-me à murada da área para acabar de fumar o cigarro.

Olhei para baixo: treze andares caíam do edifício. Eu não sabia que tudo aquilo já fazia parte do que ia acontecer. Mil vezes antes o movimento provavelmente começara e depois se perdera. Dessa vez o movimento iria ao fim, e eu não presentia.

Olhei a área interna, o fundo dos apartamentos para os quais o meu apartamento também se via como fundos. Por fora meu prédio era branco, com lisura de mármore e lisura de superfície. Mas por dentro a área interna era um amontoado oblíquo de esquadrias, janelas, cordames e enegrecimentos de chuvas, janela arreganhada contra janela, bocas olhando bocas. O bojo de meu edifício era como uma usina. A miniatura da grandeza de um panorama de gargantas e canyons: ali fumando, como se estivesse no pico de uma montanha, eu olhava a vista, provavelmente com o mesmo olhar inexpressivo de minhas fotografias.

Eu via o que aquilo dizia: aquilo não dizia nada. E recebia com atenção esse nada, recebia-o com o que havia dentro de meus olhos nas fotografias; só agora sei de como sempre estive recebendo o sinal mudo. Eu olhava o interior da área. Aquilo tudo era de uma riqueza inanimada que lembrava a da natureza: também ali poder-se-ia pesquisar urânio e dali poderia jorrar petróleo.

Eu estava vendo o que só teria sentido mais tarde – quero dizer, só mais tarde teria uma profunda falta de sentido. Só depois é que eu ia entender: o que parece falta de sentido – é o sentido. (LISPECTOR, 2009, p. 33-4)

Em “Memórias póstumas” o lugar de Brás é claramente delimitado, então a oposição senhorial pode-se dar via, por exemplo, rachar a cabeça de uma negra por birra. No momento relatado em “A Paixão”, tais atos haviam caído em desuso. Mas Clarice opera o espaço, o minúsculo espaço de um apartamento, para tornar visíveis essas relações nos novos paradigmas. A passagem acima exposta mostra como a narradora descreve a passagem de um curto corredor, mas a dimensão da imagem é

faraônica, descendo aos recônditos de pesquisa de urânio. Isso demonstra a diferença do lugar, se se vai por fim acessar, o abandono da organização plácida e úmida. O selvagem canyon de gargantas e bocas.

Não à toa, a fachada do prédio, onde moram as elegantes senhoras donas de apartamento, é alva e lisa como o mármore. Enquanto a parte de dentro, onde ficam as lavanderias e os quartos de empregada, é marcado por “enegrecimentos de chuva”. Está dada a oposição. É ao sair do espaço da dona da cobertura – da onde se pode dominar uma cidade – e adentrar o espaço caótico, apertado, pouco iluminado, mofado e abafado que G.H. vai comer o fruto proibido para atingir a orgia de ser. Mas para isso ela precisa ver e manducar a realidade que Janair deixou para trás. Sobre a questão, Olga de Sá fala muito bem:

O lugar: também recebe marcas muito diferentes dos topói das experiências místicas, não é um bosque, nem “a noite escura da alma”. É um lugar esturricado de sol, no quarto de uma empregada que se chamava Janair e tinha ares de princesa negra a empregada, pelo nome (Jair/Janaína, outro nome de Iemanjá) e por seus traços, leva o leitor a associá-la a ritos africanos. Por outro lado, nomeando as múmias do Egito, os hieróglifos, os sarcófagos, o deserto, as salamandras e os grifos, o texto fornece-nos elementos de ambiência oriental. O acúmulo desses aspectos, chamados a compor o clima da experiência mística dessa dama que reside, elegantemente, num apartamento de cobertura, não desmente, antes confirma, sua entonação irônica. Lúcida de si mesma, GH não representará a paródia de seus próprios limites? (SÁ, 1999, p. 129)

Sim, G.H. apresenta a paródia de seus limites e dentro deles encontramos um vazio, este vazio que é a ironia construída pela autora: esse vazio demonstra a afetação da classe senhorial, a facilidade de apreender qualquer ideia que aplaque o mau gosto do feio, do concreto demais, por isso áspero demais. Aqui novamente o gênio de G.H. encontra o gênio de Brás: ambos são dotados desse fastio, da superficialidade das coisas, mesmo de coisas profundas como a filosofia. O vazio irônico do olhar da mulher que é G.H. até nas valises, faz consonância com a volubidade da ausência de trabalho anunciada no defunto-autor. Ambos souberam usar a ironia para questionar os lugares e dinâmicas assumidas pelos personagens; como então criar métodos para tornar essa ironia e as relações que critica visíveis aos olhos do leitor juvenil? Conhecer e refletir sobre esses processos de construção da sociedade e da narrativa é o primeiro passo.

4. O silêncio, o silenciamento e as propostas de alarde científico

Outro aspecto marcante de ambos personagens, como já se anunciou na introdução deste artigo, é o silêncio. Contudo, são silêncios diferentes, partindo sempre da ação, direta ou indireta, de silenciar de terceiros. O primeiro leva uma ordem para se calar perante o abuso que sofre, ordem enunciada diretamente em resposta a uma objeção diretamente dirigida. Nessa perspectiva, Prudêncio até pode reclamar sobre o açoite, contudo ninguém lhe reconhecerá direito nessa objeção, pois está assentado sobre a lei o direito do patrão de lhe castigar fisicamente. Antes de tudo isso, o direito de causar dor, é o diferencial da classe livre; ou ao menos é assim que percebe a questão o escravo que ao se libertar apresenta-se em adquirir um escravo para açoitar.

Este silêncio é próprio de seu tempo e das práticas de sua época: numa sociedade em que um dos espetáculos a serem apreciados pelas famílias de bem era o açoite, em praça pública de corpos negros pelos motivos mais diversos, por vezes banais, possíveis. Qual seria a validade da súplica pelo bem estar de um escravo quando feita justamente ao dono deste escravo? Ainda mais sendo esse alguém que posteriormente achará desculpas para o tráfico de negros em que se envolverá seu cunhado?

Já na perspectiva que engloba Janair, essas agressões não são mais vigentes – dessa forma, pois o recolhimento para averiguação de suspeitos de serem escravos guarda muitas semelhanças com os inúmeros casos de violência policial registrados contra pessoas negras ainda nos dias de hoje. O que modifica também a forma de enunciar tais condições. Ninguém manda calar Janair, apenas não lhe dão espaço de fala. Ninguém agride fisicamente Janair para demonstrar a diferença entre elas, mas se confina a empregada no cubículo cheio de mofo e quinquilharias destinado ao sono das domésticas. Não há vara e não há reio, mas há a fragmentação da figura, a aproximação da sua imagem e do inseto que causa asco e morre aos montes sem causar alarde. De sua forma, Clarice demonstra como Janair é enjaulada nos fundos do apartamento e, por ser grande demais para aquele curto espaço, o subverte em minarete. Ao lembrar chocada que Janair era uma invisível perdida no negror apagado de sua pele, G.H. despersonaliza a personagem e indica que ela pode ser qualquer uma, pois, na verdade, é como milhares de mulheres que também têm como identidade apenas a função de empregada doméstica. Sendo assim usadas desde muito antes de G.H., sendo assim usadas pelas relações que se formaram em um país que acobertou com ares de normalidade as práticas de Brás e seus contemporâneos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vemos aí o desdobramento do silêncio conquistado à custa de séculos de dominação. De corpos e de narrativas. Dito isto, precisamos lembrar que sem um trabalho de questionamento das narrativas sobre a escravidão brasileira, a abolição, suas causas reais, o movimento pró-abolição e o movimento antiabolição, as leis do ventre livre, do sexagenário, do acesso à educação pública na institucionalização desta, e outras reflexões acerca de nossa realidade histórica dificilmente proporcionaremos meios para que nosso aluno seja capaz de acessar esse nível das obras. Portanto, é necessário que unir esforços com os colegas da área de História para um trabalho conjunto de análise literária levando em consideração o contexto histórico-social em que surgem as obras. Bem verdade, estudar criticamente esses discursos e acontecimentos seria profícuo de qualquer forma, ou até mesmo essencial para a formação de um cidadão crítico. Para concluir este trabalho, apresentamos uma breve proposta de trabalho didático reunindo as disciplinas Língua Portuguesa, Literatura e História para ajudar a construir esse percurso histórico e social dentro de sala de aula.

Em língua portuguesa serão abordados as notícias da época de publicação de “Memórias” – sugere-se como fonte de pesquisa o livro *Raízes do conservadorismo brasileiro*, de Juremir Machado da Silva, onde além das manchetes e notícias o professor tem acesso a um comentário acerca do contexto e dos envolvidos – os jornais da época serão explorados quanto a notícias e posicionamentos no debate das medidas de abolição, mas também em seus classificados, especialmente os anúncios de compra, venda e aluguel de escravos. Ainda na mesma disciplina, se abordará a forma como a população negra passa a ser representada no momento pós-abolição até os dias de hoje; a questão da diferença das manchetes nos casos de apreensão policial será abordada – aqui sugere-se a leitura crítica do livro de Ali Kamel, *Não somos racistas*, no viés de questionar o impacto da ideologia negacionista na manipulação das massas via noticiário e demonstrar suas origens, afinal de contas o autor assina a maioria dos jornais de grande audiência do país há décadas.

Outro gênero textual abordado será no campo da vida pública: as leis que regulamentaram a escravidão, a do ventre livre, a do sexagenário, a que torna o comércio de escravos ilegal, o decreto 7.031 de 1878 (decreto que permitia que escravos assistissem aulas à noite na escola pública; até então era proibida a frequência de escravos.), e, por fim, a lei que torna a injúria racial crime passível de punição. Ainda neste campo,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

se analisará o mapa da violência do período que o professor julgar profícuo.

No campo da História, a proposta é que o professor aborde os movimentos políticos e sociais que levaram à abolição, para além da narrativa hoje ensinada. A condução das reflexões que se propõem neste trabalho também requer que o colega focalize a questão do trabalho escravo como determinante para a forma como o Brasil se desenvolveu. O fato de nossa escravidão ter gerado lucro, tanto lucro e por tanto tempo, deve ser analisado de forma mais detida. Todos os textos trabalhados na disciplina de Língua Portuguesa podem servir ao colega como objeto de pesquisa, pois o trabalho em conjunto nessa área tem potencial quase ilimitado e deve ser mais explorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 2008.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SÁ, Olga de. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 1993.